

O Francisco, a gente chama-lhe o "Chico da Dona Emília".

Nunca conheci a senhora, a Dona Emília, sei que é a mãe do Francisco.

Por vezes aparece na maior aldeia de Portugal, Paranhos, 80 000 habitantes, há quem pense que é um bairro, outros julgam ser uma divisão administrativa - freguesia - estão bem arrançados os fregueses!

Paranhos é a aldeia do Salgueiros, o Chico aparece lá no intervalo das suas deambulações pelo mundo.

Uma vez estive na Índia, outra vez na Tailândia, viveu em Israel.

Passou pelo Brasil, Canadá, Estados Unidos, Nova York tipo sem-abrigo "street-people"; quando aparece, normalmente o Francisco faz o que sabe: trabalha em empresas de segurança.

Aparecia, mais do que aparece. Há uns anos teve filhos, casou, ficou no Equador.

Já cá veio de novo. Está na província de Esmeraldas, toma conta de um hotel. Disse-me da ilusão que nos ataca: nunca teremos qualidade de vida. Passaremos a vida a ganhar a vida, consumindo os outros, consumindo a existência, se nos apercebemos já é tarde: estamos perto da morte, demasiado perto. Foi assim que ele se tomou pelo Equador, pela sua equatoriana, pelo seu filho, o Francisquinho, pela sua filha Maria.

As mulheres de lá ainda nos acompanham e acreditam em nós, disse ele.

Temos de o ir visitar. Ao menos algum tempo esquecer o dentista, a carreira, a solidão, os lugares de trabalho aonde não falamos com ninguém, ouvir o violão tocado como só eles sabem apesar de não terem aprendido música; ver dançar como eles que "aprenderam a dançar com eles mesmos" - é o que acontece de Cabo Verde ao Brasil. O Francisco, vem cá por vezes, regressa para lá sempre: não resiste muito. Ao nosso lado é o deserto. Fazemos o contrário do Francisco, o Chico da Dona Emília.